



FERMENTO

MANES'FETO

Tão longe, tão perto

Sou uma simples professora sem PhDs! Mesmo assim, gostaria de falar um pouco sobre minhas observações cotidianas. Fiquei tocada com o singelo artigo de Julian Fuks – “Sobre a tristeza das crianças e a urgência de priorizar as escolas” – que foi, na minha percepção, uma declarada e corajosa TENTATIVA de dizer algo a partir da própria observação, mas já com a triste certeza de que seria atirado imediatamente para algum “lado contrário”, como ele mesmo diz no seu texto. Infelizmente precisamos constatar a enorme pequenez na qual chegamos hoje, que impossibilita nosso espaço de conversa, ou seja, o espaço do que poderia vir a ser uma verdadeira política! Ou estamos organizando grupos ANTI, ou montamos panelinhas com variações sobre o mesmo tema nessa “política das polaridades” que hoje está infiltrada em todos os âmbitos da nossa vida e já não pede a menor licença (isso porque nós mesmos, através de gerações, a alimentamos como sendo algo inevitável e inerente). Essa política dilacerante mais contribui para a cegueira diante do nosso simples cotidiano e das nossas pequenas e reais ações do que para qualquer impulso de vida que sustenta a matéria. E se estamos falando de observações como possíveis sementes de diálogo, seja a minha, seja a de Fuks, seja de quem for, precisamos também olhar para o entorno desse ponto que representa cada um de nós.

O meu ponto agora é esse! É dessa perspectiva que quero falar, do meu ponto de partida. Sou negra, branca, mestiça, parda, amarela, homem, mulher, idoso, criança, descendente de todos os povos originários, de todas as religiões e, antes de tudo, sou filha de Deus. Com certeza ainda serei muito mais do que isso. E não há quem me diga que NÃO! NÃO! NÃO eu, mas o Cristo em mim! O outro em mim, o opressor em mim, o oprimido em mim, a beleza e a bondade em mim, mas também a feiura e a crueldade em mim! EM MIM. O sentido do Cristo em mim. Sou mãe de muitos filhos, trabalhadora do lar, esposa dedicada com todo orgulho e ainda sou professora Waldorf desde 2008. Professora de Classe, como chamamos. Acompanhei minha primeira turma do 1º ano ao 8º ano e agora estou em curso com a minha segunda turma, no 4º ano, em plena

pandemia. Também atuo como professora de Ensino Religioso no Ensino Médio e na gestão da escola. Coordeno e ministro palestras também já há 8 anos no Curso de Pedagogia Curativa entre outros. Deste ponto quero dizer que um dos grandes impactos que tive ao começar um 1º ano depois de quase uma década foi o quanto essa jornada exigiria de mim a compreensão das ferramentas terapêuticas e curativas que a pedagogia Waldorf já traz em si e que deve ser ampliada pelo Curso de Pedagogia Curativa e, obviamente, por toda a obra do Steiner. E mesmo que tivesse a compreensão intelectual de tudo isso não escaparia da necessidade de contar efetivamente com a ajuda do mundo espiritual para uma tarefa tão exigente e tão acima da minha capacidade limitada, tão materialista ainda. Essa problemática, esse imbróglcio que temos hoje diante de nós no âmbito da educação não é culpa de ninguém e é ao mesmo tempo, de todos nós! Mas o ponto central é que temos que dar conta disso.

As crianças chegam de uma vida fluida no contexto espiritual e se chocam quando encarnam e, principalmente, quando começam a receber uma educação puramente materialista e intelectual, tão seca e estagnada, tão sem coerência com a fluidez da vida. É por esse pedido de socorro das crianças e jovens e pela reflexão a partir dele que, cada vez mais, para além de sentidos contrários, é urgente hoje encontrar em nós o SENTIDO EM SI! E que ele nos possibilite formar um social cada vez mais saudável e produtivo, onde todos possam ser alimentados. Quem sabe assim conseguiremos navegar com dignidade e serenidade em águas tão turvas e turbulentas, em tempestades de ventos tão violentos que já não sabemos de que direção vêm. Tenho tentado me aliar ao que estou chamando aqui de Sentido em Si. Não é uma tarefa fácil para nós, seres bipolares! Mas é justamente isso que precisamos superar em nós. Acolher o DOIS dentro do UM para que o TRÊS, que seja ele apenas um passo seguinte, seja dado com consciência e não apenas siga nessa caminhada esquizofrênica e sem sentido que está adoecendo todos nós. O Sentido em Si sobrevoa como a fênix, os dados, as estatísticas, as análises, as curvas coloridas dos gráficos e exige que observemos e atuemos verdadeiramente, beneficentemente nos raios do nosso pequeno entorno. Esse pequeno ativismo real, interno e “delicado” - como disse Allan Kaplan na palestra recentemente lançada no programa Gotas Antroposóficas - não é nada que não seja o exercício da autoeducação, do autodesenvolvimento proposto pela Ciência Espiritual de Rudolf Steiner. Ativar em si, em profunda parceria com os seres espirituais que garantem a vida e toda fluidez em nós, a capacidade de observação do momento presente e, mais importante ainda, qual é a verdadeira demanda, o verdadeiro pedido que está sendo feito a nós aqui e agora de forma urgente.

Nessa mesma palestra, Allan fala “que todas as coisas são o final da PAUSA de Deus, pausa como atividade formadora da vida e que nós precisamos caminhar aí, nesse formar invisível aprendendo uma forma diferente de ver, de trazer vida novamente. Esse é um trabalho duro de não se opor, mas de se envolver mantendo a sua consciência intacta” a partir de si, com Sentido em Si. Antes, na mesma palestra, Allan faz uma pausa engasgada, difícil, quando fala da situação das crianças, e eu diria dos jovens também, em

isolamento. Ele não fala nada, a não ser que é difícil falar sobre isso. É nessa pausa que quero entrar. Nessa pausa como atividade formadora eu quero entrar e trazer para dentro dela agora o meu ponto. Meu ponto que abro em raios agora.

Na nossa escola estamos impressionados e também muito agradecidos com a confiança dos pais que já completam seis meses de verdadeira parceria à distância, assumindo uma função que não lhes cabe. Mesmo não sendo professores, estão se desdobrando para oferecer às crianças e aos jovens o conteúdo e as indicações que nós, professores, estamos enviando de longe. Na nossa escola não estamos usando nenhum recurso eletrônico direto com as crianças e estamos bem satisfeitos com os resultados dentro do possível dessa impossibilidade. Nos últimos dias tenho estado em profunda compaixão por essas famílias que um dia procuraram a escola para uma parceria nessa difícil tarefa de educar os filhos. Como professora fui sentindo um incômodo crescente em mim ao longo dessa pandemia. Sabemos, como escola, que nessa parceria nossa primeira e mais importante tarefa é promover de forma saudável o afastamento da criança do seu núcleo familiar que está preso nos próprios padrões e hábitos inerentes para que ela possa, por ela mesma, aprender a se desenvolver a partir de si dentro de um social rico e favorável aos desafios que precisa enfrentar. Esse é o principal papel da escola! E esse papel já não estamos cumprindo há seis meses. O que isso pode gerar ou já está gerando? Devemos continuar nos desenvolvendo enquanto indivíduos em qualquer situação? Sim! E é isso que em cada conversa tentamos dizer aos pais como que encorajando-os a seguir em frente nessa situação que vai se tornando cada vez mais insustentável e agressiva à nossa essência humana que é ESTAR JUNTO.

Podemos falar o jargão “juntos, ainda que separados” e muitas vezes o fazemos para o nosso próprio bem, como um alento. Mas daí a acreditar que isso é real, que é aceitável, que até faz bem, já faz parte da nossa capacidade fantasiosa e incapacidade de observação com sentido! Mesmo assim, satisfeitos dentro do possível, não podemos ignorar que as crianças e jovens estão inseridos já por um longo tempo em uma situação “fora de contexto” onde muitas situações, de fato, traumáticas - como surtos psíquicos na família por pânico da contaminação e também pela falta da convivência com entes muito queridos; estados de sentimentos corrosivos e alterados que descem como cachoeiras na alma da criança; o terror noturno que começa a aparecer aqui e ali como pedidos de socorro; pais chorando porque percebem tudo isso e ao mesmo tempo sentem-se incapazes de exercer a firmeza e a beleza que nos é cobrada hoje diante da criança apesar de tudo – fazem parte do cotidiano que assumiu o que antes era o lugar e a função da escola. E quando digo criança e jovem aqui, me refiro não a uma criança ou jovem especificamente, mas à imagem da criança, à imagem do jovem, à imagem da escola, à imagem da família. Não importa se em um ou outro cotidiano tudo está fluindo bem. A desestruturação dessa geração será herdada por todos nós em todo o mundo. Esse medo do OUTRO cultivado em nós, dia após dia, terá terríveis consequências e precisamos, enquanto adultos,

urgentemente buscar o Sentido em Si para auxiliar os outros que estão pedindo socorro, principalmente as crianças e os jovens. O que vem sendo plantado nas crianças e nos jovens do mundo todo? Uma nova realidade, imposta por nós mesmos, da qual eles estão sendo reféns e serão ainda por muito tempo, pois estamos falando aqui de uma situação traumática que aos poucos dá seus sinais em todos nós. Só resta saber o que vamos fazer com isso! O que vamos fazer de nós mesmos a partir de nós mesmos? Será que tem jeito de fazer isso? Encontrar o “a partir de si” nessa política esquizofrênica que desorienta o mundo?

Há muito matuto sobre aquela imagem tão trazida por muitos de nós, dentro da Pedagogia Waldorf, em palestras e reuniões, onde colocamos o professor como aquele que cura e o médico como aquele que educa, segundo as palavras de Steiner. Estamos falando aqui de duas figuras, o médico e o professor, que são fundamentais no auxílio do desenvolvimento do Ser Humano. Hoje, a partir de movimentos por todo mundo, deveríamos falar também de outra figura, assim como Steiner também coloca: o agricultor. Este, como o exemplo vivo daquele que, a partir das mãos, promove a transformação da matéria através do conhecimento intrínseco das leis do Espírito para o sustento do seu corpo e do corpo da comunidade. Esse corpo que é cálice para todos os outros. Onde foi parar essa tríade na Pandemia? Por que o Médico e o Agricultor não deixaram de exercer os seus papéis em sua completude e o Professor deixou? Pois não estamos exercendo nosso papel à distância, estamos? Sem o encontro não geramos efetivamente o medicamento, o alimento que as crianças precisam e que cabe a nós e não aos pais. Definitivamente não estamos contribuindo para aumentar a imunidade das crianças, deixá-las fortes e preparadas para a vida que as espera. Não seria esse nosso verdadeiro papel nessa situação emergencial, que já existia e apenas teve seu primeiro estouro com a COVID? A escola não deveria ser um ambiente de imunização? Vamos seguir os protocolos e encontrar uma forma de cumprir nossa tarefa! Diante desse caos, sabendo que a situação não tende a melhorar e sim piorar, vamos deixar as crianças desamparadas? Esta pergunta me dói no fundo da alma. Posso tentar mascarar esse sentimento de diferentes formas como o fiz ao longo dessa quarentena, inclusive com os pais, na tentativa de escapar dessa cruel constatação que acabei de expor a vocês agora.

Meu depoimento sincero é que não me diferencio dos trabalhadores da área da saúde ou da agricultura, que precisam estar a postos para socorrer o corpo físico tão aclamado pela nossa cultura materialista. Professores e médicos Waldorf, temos somente esse corpo? As almas das crianças e desses pais que confiam em nós precisam de atendimento de verdade. De encontro. De troca. De respirar junto, corajosamente, em confiança plena no Mundo Espiritual. Trabalhar para a saúde do OUTRO é um dos mistérios que a Antroposofia nos coloca. Mistério porque é algo que temos que desvendar nesse caminho árduo de tentar sair do nosso individualismo, do nosso egoísmo e alcançar o Sentido em Si, que nada tem a ver com isso. O Sentido em Si abre a capacidade para acolher o outro. Se continuarmos a só depender do nosso arraigado egoísmo vamos, como professores, como classe, discutir sobre seguros de vida e de saúde

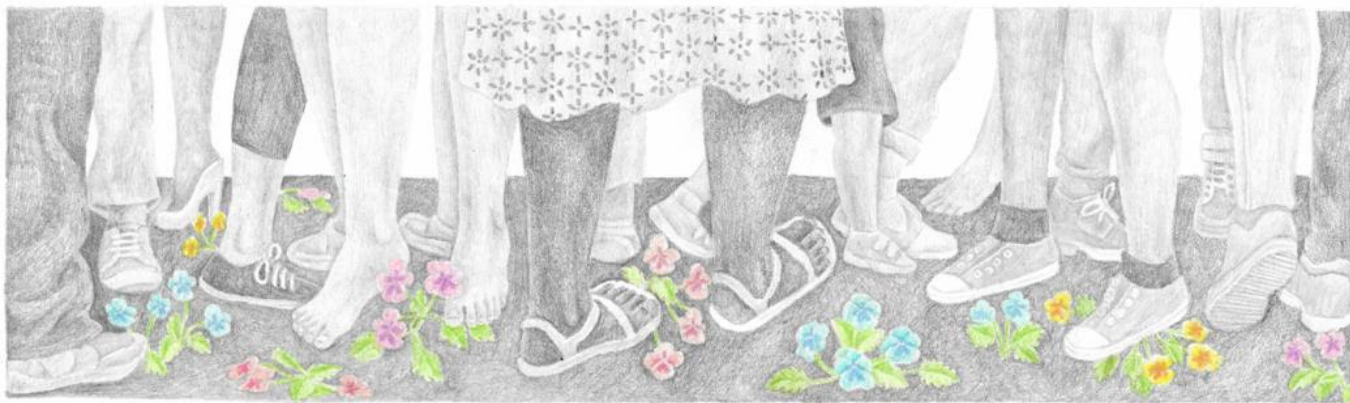
ao invés de nos projetarmos para descobrir qual é o nosso papel diante das crianças e dos jovens nesse momento tão importante de suas vidas. Ou vamos simplesmente dizer: é o que é possível fazer já que temos que ficar isolados. É isso mesmo? Não consigo mais dizer isso sem adentrar naquela pausa engasgada do palestrante que citei acima. Onde foi parar nossa confiança? Onde foi parar Deus? Onde está a Ciência Espiritual que deveria ser nossa base e não a meta? E a compreensão da Lei do Carma? Acredito que o grande desafio agora é encontrar Deus, a Ciência Espiritual, a Lei do Carma e outros tantos seres – as entidades trazidas pela Ciência Espiritual - em nós, dentro do nosso sentido. Sentir em si todas elas e buscar orientações a partir daquilo que pede socorro, que implora à vida.



Recebi esse desenho de uma aluna um mês depois do início da nossa separação. No mesmo instante fixei-o na frente da minha mesa de trabalho. Olhando-o, dia após dia, hoje compreendo o recado e mais ainda o porquê, mesmo que inconsciente, de tê-lo fixado diante dos meus olhos. Hoje enxergo que não estou onde deveria estar: de mãos dadas corajosamente diante da perspectiva dos mistérios dessa floresta escura e profunda que aos poucos está se apresentando. Juntas, de mãos dadas de fato! E não sentada na minha mesa de trabalho em casa!

Aprendemos orgulhosamente a carregar grandes bandeiras de ideais e continuamos a querer hasteá-las em terrenos alheios como se isso fosse algum sinal de vitória. Já vimos que isso não é produtivo e que não gera vida, ou melhor, estamos vendo nesse exato momento que não. Como disse aos meus alunos (da 1ª turma) quando estavam no 12º ano (2019), ao conversarmos sobre Trimembração Social: Que tal começarmos a pensar em um ativismo interno? Ativemo-nos para dar conta do que podemos fazer no entorno, sem os grandes discursos já tão arruinados, mas na singeleza e criatividade do que está ao alcance das mãos. Ativemo-nos como fermento natural, que pode ser distribuído para outras tantas fermentações! De forma perpétua e abundante, pois a vida é essencialmente assim! Mas ela grita pedindo socorro agora! Portanto, vamos trabalhar, professores! Vamos dar as mãos às crianças! Aos jovens com seus abismos internos. Eles precisam se relacionar para curarem-se de si mesmos! Eles esperam essa possibilidade de nós!

A fila do PAE, pronto-atendimento-escolar, está grande e já tem gente precisando de respiradores artificiais para aguentar essa ausência! O que estamos permitindo que façam com essa profissão sagrada que escolhemos como missão? Seremos substituídos por máquinas? Este reino a quem pertence? Por onde e como anda o nosso olhar, nosso SENTIDO maior que precisa ser alcançado? Por onde anda nosso anseio de reencontro com o Mundo Espiritual? Deus, o amor-perfeito, está onde estamos, mas podemos não enxergar se não soubermos onde estamos pisando! Todos nós corremos esse risco, sem distinção nenhuma! Essa é a única lei da qual ninguém escapa! Que Deus nos proteja de nós mesmos!



1 – Pintura “FERMENTO”; 2 - Desenho “AMOR-PERFEITO” ambas de Flora (ex-aluna, parceira e amiga)

Com carinho,

Eva Pimenta

Professora do Colégio Rudolf Steiner de Minas Gerais

20/08/2020

***Sugestões para a ampliação deste texto**

Para ler:

“Sobre a tristeza das crianças e a urgência de priorizar as escolas” – Julian Fuks

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2020/08/15/sobre-a-tristeza-das-criancas-e-a-urgencia-de-priorizar-as-escolas.htm>

Para ver, ouvir e talvez ler:

Gotas Antroposóficas – Allan Kaplan

https://youtu.be/W9O1_I6feYA

Para ouvir, refletir e dançar:

“Deus me Proteja” – Chico César, cantada por Mariene de Castro

<https://open.spotify.com/track/4v9x6a7kTu2F86NwwDmxqU?si=N3bsuvR4SE6IWSvT0v5H7Q>